

Mitra Diocesana de Nova Iguaçu.
Rua Mal. Floriano Peixoto, 2262. Caixa Postal 22.
26000 Nova Iguaçu, RJ.

Utilidade Pública — Lei 6.311 de 25 de setembro de 1970.

Composto e impresso nas oficinas gráficas
da Editora VOZES Limitada, Petrópolis, RJ.

A FOLHA

Publicação Litúrgica sem fins lucrativos da Mitra Diocesana de Nova Iguaçu.

FEIJÃO E ARROZ NÃO INTERESSAM AO GOVERNO NEM AOS BANCOS

Entrevista com um lavrador, membro da diretoria de um sindicato de trabalhadores rurais de Goiás: — "Quem é que está provocando este esvaziamento do campo?" — "É o modo como o Brasil está sendo organizado. Vou lhe explicar: você sabe que os bancos dão empréstimos e até o governo financia os grandes fazendeiros".

— "E aos pequenos não dão empréstimo?" — "Não dão! Porque a finalidade do empréstimo e do financiamento é o lavrador plantar café, soja ou trigo ou outras culturas que o governo vende para o estrangeiro, para pagar os milhões que está devendo. O pequeno agricultor não pode plantar assim, tudo mecanizado. Ele planta para comer: arroz, feijão, batata, verdura. Isso não interessa para o governo nem pros bancos".

— "Mas como fica então a situação dos pequenos agricultores?" — "Os fazendeiros, com o dinheiro dos bancos e do governo, fazem pressões e os pequenos acabam vendendo suas terrinhas. Vão para as beiras de alguma cidade, onde vão sofrer dez vezes mais. Vão ser bôabria, mão-de-obra barata sem carteira". Sobre nosso modelo de desenvolvimento vendido à grande empresa multinacional fala o Documento da Terra, de nossos bispos:

"A política de incentivos fiscais é uma das causas fundamentais das grandes empresas agropecuárias, à custa e em detrimento da agricultura familiar. Até julho de 1977, a Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia havia aprovado 336 projetos agropecuários, nos quais seriam investidos 7 bilhões de cruzeiros. Dessa importância, apenas 2 bilhões correspondiam a recursos das empresas, enquanto os restantes 5 bilhões, mais de 70% do total, eram provenien-

tes dos chamados incentivos fiscais. A política de incentivos fiscais desvia dinheiro de todos para uso de uma minoria, não atendendo às exigências do bem comum. Esse dinheiro deixa de ser aplicado em obras de interesse público para ser desfrutado, como coisa própria, pela grande empresa. Embora se reconheça oficialmente que a maior parte da alimentação em nosso país provém dos pequenos produtores, até hoje não se promoveu uma política de incentivos fiscais ou de renda, em seu favor. Essa política revela o Estado comprometido com os interesses dos grandes grupos econômicos. Essa orientação oficial estimulou a entrada da grande empresa no campo. Um vultoso programa oficial, o Proálcool, baseado em subsídios governamentais, já está aumentando a concentração da terra, a expulsão de lavradores, quando poderia ser uma oportunidade privilegiada para uma redistribuição de terras.

A política de incentivos na Amazônia não aumentou a produtividade das grandes fazendas de gado, que apresentam uma taxa de utilização da terra inferior à dos pequenos produtores. Conclui-se daí que, por ora, os grandes grupos econômicos apenas visam beneficiar-se dos incentivos fiscais.

Ainda na Amazônia, grandes empresas invadem os rios com navios pesqueiros equipados com frigoríficos. Desenvolvendo pesca predatória, levam à fome as populações ribeirinhas, que completam sua dieta pobre com a pesca artesanal. Pescadores artesanais de áreas costeiras são igualmente prejudicados por projetos turísticos e por dejetos industriais".

— E a gente ensina, nas escolas, que, no Brasil, já houve a libertação da escravatura!

DO REINO E SUA JUSTIÇA

HINO OFICIAL DO X CONGRESSO EUCARÍSTICO NACIONAL

Letra: Gerardo Campos

Música: Mons. José Mourão Pinheiro

1. Por longas estradas / Sem fim, palhadas, / Aonde tu vais? / Procuras a vida, / Trabalho e comida, / Ser livre e ter Paz.

Estríbilo: Não vais tão sozinho / Com tua saudade: / Meu Pão e meu Vinho / São dons da unidade / Que faz do Brasil / A tua cidade, / Encontro e Caminho / De Vida e Verdade.

2. Tornei-me alimento / Pra ser teu sustento / Aonde tu vais, / Se a forte cobiça / Te nega a justiça / No chão dos teus pais.

3. Na minha viagem / Faltou hospedagem, / Aonde tu vais? / As tuas

andanças / São minhas lembranças, / São outros Natais.

4. Os ventos vadões, / Os mares bravios / São teus dois rivais, / Da terra da luz / O Céu te conduz / Aonde tu vais.

5. Feliz violeiro, / Sou teu companheiro / Aonde tu vais, / Se a tua viola, / Cantando, consola / Os que sofrem mais...

6. Valente vaqueiro, / Herói caminheiro / Das sendas rurais, / Eu sou teu amigo, / Labuto contigo / Aonde tu vais.

7. Pão vivo e celeste, / Eu marco o Nordeste / Com grandes sinais! / O mundo é a estrada / Da eterna pousada / Aonde tu vais!

IMAGEM DO AMOR SILENCIOSO

1. De manhã cedinho o espetáculo era este: a porta lateral da matriz arrombada, o altar depredado, o sacrário forçado a pé-de-cabra, amassado com violência, o SSmo. Sacramento espalhado no chão, as âmbulas desaparecidas e em diversos pontos da igreja paramentos, alfaias, jarros, enfeites... As primeiras pessoas que vinham para a missa das 6 h estavam horrorizadas, o vigário amargurado dizendo que eu nunca vi uma barbaridade dessas na minha vida... Que é que roubaram, se nada tinha realmente valor?

2. O sacrário é dourado, as âmbulas são douradas, mas sem valor. Como pode? E todas as pessoas, muitas mulheres, alguns homens perguntavam estupefatos: Como é que pode? Sim, arrombaram a porta lateral com o pé-de-cabra, depois subiram no altar e com o pé-de-cabra forçaram o sacrário... Que gente sem respeito, meu Jesus. Que raça desalmada. E os comentários, inclusive do cabo Gerônico, quando chegou pouco depois, eram de repulsa, de horror, de vergonha. Logo em nossa igreja, em nossa paróquia...

3. Dona Zefinha não dizia nada. Olhava os destroços com o coração partido. Ajoelhada, assistia o vigário recolher as hóstias consagradas, e rezava o terço da simplicidade e humildade. E à medida que as contas desfiavam nos dedos tremulos e septuagenários, ia no coração tomado forma a grande promessa de expiação: dividir com os pobrezinhos a metade do montepio. Quanto é seu montepio, dona Zefinha? Ela diz que recebe 380 cruzeiros de montepio, meu filho. (A.H.)

10º DOMINGO DO TEMPO COMUM (08-06-1980)

C = Comentador; L = Leitor; P = Povo; S = Sacerdote.
Cânticos: MISSA SERTANEJA, Marino C. de Moraes, Ed. Paulinas.

RITO INICIAL

1 CANTO DE ENTRADA

 1. Subiremos à Casa sagrada,
revivendo os mistérios da cruz /
no altar onde o Pai fez morada
e se imola o seu Filho Jesus.
Mensageiro da paz e verdade, anunciando
o brado profundo / nesta fé que faz
nossa unidade, sol e luz para os povos
do mundo.
2. Aqui os teus filhos se reúnem, rece-
bendo os favores do céu / deste pão e
vinho que assumem, em verdade, a vida
de Deus.

2 SAUDAÇÃO

S. Em nome do Pai que nos criou, do Filho que nos redimiu e do Espírito Santo que nos santifica. P. Amém.
S. Irmãos, o Deus da perseverança e da consolação inspire a vocês sentimentos de harmonia, a exemplo de Jesus Cristo; para que, com um só coração e uma só boca, vocês glorifiquem a Deus, Pai de nosso Senhor Jesus Cristo.
P. Bendito seja Deus / que nos reuniu no amor de Cristo / e no amor de nossos irmãos.

3 SENTIDO DA MISSA

C. Os evangelistas escreveram seus evangelhos com intenção catequética de esclarecer e edificar a comunidade. Não havia a pretensão de fazer historiografia, no sentido rigoroso e limitado de hoje. Narrando a ressurreição do jovem de Nain, Lucas quer ensinar que Jesus é o Senhor da vida e o Vencedor da morte; portanto, haviam chegado os tempos messiânicos. Vitória sobre a morte é sinal definitivo dos tempos messiânicos. O milagre de Nain é também catequese de preparação dos discípulos para o fato central da História da Salvação: ressurreição do próprio Cristo. Ressurgindo dos mortos, Cristo tornou-se centro da humanidade, o vencedor do inimigo invencível, porta aberta para a dimensão eterna que a vida não possuía, inaugrador dos novos tempos de libertação da morte e salvação da vida. Estar com Cristo é combater o que produz a morte e defender o que promove a vida.

4 CELEBRAÇÃO DO PERDÃO DE DEUS

S. Irmãos, estar com Cristo é combater o que produz a morte e defender o que promove a vida. Existências atreladas a sistemas de exploração trabalham no lado que produz a morte, na forma dos pecados sociais que conhecemos. Característica do cristão é engajamento nos tempos novos de luta contra o que produz a morte, de luta contra as forças que produzem a miséria e a marginalização do Povo de Deus. Começo da batalha e da vitória é a descoberta do próprio egoísmo. Minha vida e minha luta colocam-se no lado da morte ou no lado da vida? (Pausa para a revisão de vida).

S. Senhor, que vencestes a morte e inaugurastes os tempos novos, tende piedade de nós.

P. Senhor, tende piedade de nós.

S. Cristo, que ressuscitastes dos mortos e nos fizestes soldados da vida, tende piedade de nós.

P. Cristo, tende piedade de nós.

S. Senhor, que ides à frente de vosso povo pelos caminhos da justiça, tende piedade de nós.

P. Senhor, tende piedade de nós.

S. Deus todo-poderoso tenha compaixão de nós que somos fracos, perdoe nosso egoísmo e nossa insensibilidade e nos oriente na construção de seu Reino, para que possamos chegar à vida eterna.

P. Amém.

5 PROCLAMAÇÃO DOS LOUVORES DE DEUS

S. Glória a Deus nas alturas,
P. e paz na terra aos homens por ele
amados. / Senhor Deus, Rei dos céus,
Deus Pai todo-poderoso: / nós vos lou-
vamos / nós vos bendizemos / nós vos
adoramos / nós vos glorificamos / nós
vos damos graças por vossa imensa gló-
ria. / Senhor Jesus Cristo, filho unigê-
nito, / Senhor Deus, Cordeiro de Deus,
Filho de Deus Pai. / Vós que tirais o
pecado do mundo / tende piedade de
nós. / Vós que tirais o pecado do mun-
do / acolhei a nossa súplica. / Vós que
estais à direita do Pai / tende piedade
de nós. / Só vós sois o Santo / só vós
o Senhor / só vós o Altíssimo, Jesus
Cristo, / com o Espírito Santo / na
glória de Deus Pai. Amém.

6 ORAÇÃO DO DIA

S. Oremos: Ó Deus, fonte de todo o bem, escutai nossa oração: inspirai-nos, com vossa graça, para pensarmos o que é certo; ajudai-nos, com vossa força, a vivermos nossa vida à luz do Evangelho de Jesus Cristo, vosso Filho, que convosco vive e reina na unidade do Espírito Santo. P. Amém.

LITURGIA DA PALAVRA

7 PRIMEIRA LEITURA

 C. A 1º leitura é tirada do Primeiro Livro dos Reis (17,17-24). Desde o Antigo Testamento, vitória sobre a morte é sinal da esperança messiânica e luta contra a morte é distinto dos verdadeiros profetas.

L. Leitura do Primeiro Livro dos Reis: «O filho da uma viúva de Sarepta adoeceu e seu mal foi tão grave que o menino morreu. Então ela falou a Elias: Qual foi o mal que fiz, homem de Deus? Viente à minha casa para lembrar-me os meus pecados e levar a vida de meu filho?» Elias respondeu: «Entrega-me o teu filho». Elias tomou o menino dos braços de sua mãe, levou-o para o quarto de cima onde costumava dormir e deitou-o em sua própria cama. Em seguida, orou ao Senhor, dizendo: «Senhor meu Deus, por que alegis uma viúva que me hospeda, tirando a vida de seu filho?» A seguir,

deitou-se três vezes sobre o menino, invocando o nome do Senhor: ‘Senhor meu Deus, fazei que a alma deste menino volte a ele!」 O Senhor ouviu a oração de Elias: a alma do menino voltou a ele e o menino recuperou a vida. Elias pegou o menino, desceu do andar superior da casa e o entregou à sua mãe, dizendo: ‘Aqui está o teu filho vivo’. A mulher exclamou: ‘Agora vejo que és mesmo um homem de Deus e que a palavra de Deus está realmente em tua boca!’ — Palavra do Senhor. P. Graças a Deus.

8 CANTO DE MEDITAÇÃO

1. Meu corpo suado, no corpo cansado,
já dilacerado e ao peso esmagado, eu
levo uma cruz. / Pedras no caminho,
tropeço sozinho, só tenho o carinho da
coroa de espinhos, meu nome é Jesus.
2. Vocé ao meu lado, vencendo o pecado,
por mim resgatado, sou o Ressuscitado,
me chamo Jesus. / Missão encerrada,
Palavra anunciada, pra ser praticada e
ao mundo levada, na glória da cruz.

9 SEGUNDA LEITURA

C. A 2º leitura é tirada da Carta de São Paulo aos Gálatas (1,11-19). Enquanto permaneceu no ritualismo religioso tradicional e rotineiro, Paulo lutou no lado da morte, mesmo falando em nome de Deus. Quando Cristo se lhe revelou, tornou-se o grande apóstolo, defensor da vida sagrada de cada ser humano.

L. Leitura da Carta de São Paulo aos Gálatas: «Irmãos, saibam que o Evangelho que lhes preguei não é doutrina de homens; também não o recebi ou aprendi de um homem, mas por uma revelação de Jesus Cristo. Vocês, com certeza, ouviram como eu me portava antes, quando pertencia à comunidade judaica; vocês sabem com que furor eu perseguia a Igreja de Deus e como tentava arrasá-la. Na religião judaica, eu superava muitos compatriotas de minha idade, em meu apego fanático às tradições de meus pais. Mas Aquele, que me escolheu desde o seio de minha mãe e, em seu grande amor, me chamou, quis revelar a mim o seu Filho, para que eu o anunciasse, no meio dos povos pagãos. Nesse momento, não busquei conselhos de ninguém nem subi a Jerusalém, a fim de ver os apóstolos anteriores a mim: parti imediatamente para a Arábia, de onde voltei depois a Damasco. Depois, passados três anos, subi a Jerusalém, para encontrar-me com Pedro, com quem permaneci quinze dias. Mas

não vi nenhum outro apóstolo, a não ser Tiago, irmão do Senhor». — Palavra do Senhor. P. Graças a Deus.

10 CANTO DE ACLAMAÇÃO AO EVANGELHO

 Aleluia, aleluia, aleluia, aleluia!
"Eu te bendigo, Pai, Senhor do céu e da terra, porque escondeste estas coisas aos sábios e entendidos e as revelaste aos pequeninos" — disse Jesus.

11 TERCEIRA LEITURA

C. A 3ª leitura é tirada do Evangelho de São Lucas (7,11-17). Jesus é o Senhor dos tempos novos, em que a morte é vencida; é o Realizador pleno da grande esperança messiânica de vitória sobre a morte.

S. O Senhor esteja convosco.

P. Ele está no meio de nós.

S. Evangelho de Jesus Cristo segundo Lucas.

P. Glória a vós, Senhor.

S. «Jesus dirigiu-se, pouco depois, a uma cidade chamada Naim; com ele iam seus discípulos e grande multidão de gente. Quando chegou perto da porta da cidade, levavam para enterrar o filho único de uma viúva. Um número considerável de pessoas da cidade acompanhavam o enterro. Ao ver a viúva, o Senhor se compadeceu e disse: 'Não chorres!' Depois aproximou-se e tocou no caixão. Os que o carregavam pararam. Jesus disse então: 'Jovem, eu te ordeno: levanta-te!' E o morto sentou-se e pôs-se a falar. E Jesus o devolveu à sua mãe. O temor se apoderou de todos e eles louvavam a Deus, dizendo: 'Um grande profeta apareceu entre nós e Deus visitou o seu povo'. A notícia espalhou-se por toda a Judéia e pelas regiões vizinhas». — Palavra da salvação. P. Louvor a vós, ó Cristo.

12 PREGAÇÃO

 (No fim, momentos de silêncio para reflexão pessoal).

13 PROFISSÃO DE FÉ

S. Creio em Deus Pai todo-poderoso,
P. criador do céu e da terra...

14 ORAÇÃO DOS FIÉIS

S. Irmãos, o Deus que adoramos é o Deus de Jesus Cristo. Ser de Cristo é lutar contra o que produz a morte, é engajar-se na luta do que promove a vida. Para que o Pai nos dê força de nos colocarmos sempre ao lado da vida, elevemos-lhe nossos pedidos:

L1. Por nossa vitória sobre o pecado, para que nossa conversão seja a prova concreta de que passamos da morte para a vida, rezemos ao Senhor.

L2. Pelos pastores de nossa Igreja e todos os agentes de pastoral, para que anunciem sem susto e sem temor a vida nova do Espírito, rezemos ao Senhor.

L3. Pelos homens da ciência e da técni-

ca, para que a luta que fazem contra a morte seja abençoada por Deus e dê frutos da vida, rezemos ao Senhor.

L4. Por nossa santa assembléia, aqui reunida, para que a participação no Pão da Vida nos dê a força de convivermos na justiça, rezemos ao Senhor.

L5. Por nossos falecidos, para que eles sejam nosso incentivo de abandonarmos as ambições e vivermos a expectativa das recompensas de Deus, rezemos ao Senhor.

L6. Pelas intenções particulares desta santa missa..., rezemos ao Senhor.

S. Senhor Deus, dai-nos força de sermos, para nossos semelhantes, através do amor que se esquece e se doa, defensores da vida e não promotores da morte, pois esta foi a lição de nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, que convosco vive e reina na unidade do Espírito Santo. P. Amém.

LITURGIA EUCARÍSTICA

15 CANTO DO OFERTÓRIO

 1. Nossa prece piedosa, Jesus, sobre o cálice oferecido, será sangue precioso da cruz, do divino Cordeiro vertido.
Com o suor do rosto colhidos, uva e trigo estão sobre o altar, sob a forma de pão e de vinho, na oblação que se vai ofertar.
2. Este pão que foi trigo moído será Corpo de Deus consagrado, dom do céu para a terra trazido, com perdão para todo pecado.

16 ORAÇÃO DAS OFERTAS

 S. Orai, irmãos, para que o nosso sacrifício seja aceito por Deus Pai todo-poderoso.

P. Receba o Senhor por tuas mãos este sacrifício / para a glória do seu nome / para o nosso bem e de toda a santa Igreja.

S. Senhor nosso Deus, vede nossa disposição em vos servir e acolhei nossas oferendas com vosso amor paterno, para que nosso sacrifício vos seja agradável e nos ajude a crescer na caridade. Por nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, na unidade do Espírito Santo.

P. Amém.

17 PREFÁCIO (próprio)

18 ORAÇÃO EUCARÍSTICA

(A oração eucarística cabe ao sacerdote somente; após a consagração):

S. Eis o mistério da fé.

P. Todas as vezes que comemos deste pão e bebemos deste cálice / anunciamos, Senhor, a vossa morte / enquanto esperamos a vossa vinda.

19 CANTO DA COMUNHÃO

 1. Depois que Jesus saciou a multidão, multiplicando cinco pães e dois peixinhos, continuou em sua peregrinação, cruzando o mar de Tiberíades sozinho. Mas o povo que comeu e foi saciado, procurando a Jesus e não encontrando, foi em sua busca do outro lado das águas, em seus barcos navegando.

2. Mas Jesus, que lia os pensamentos, ao vê-los prontamente argumentou: "Não viestes pelo que fiz até o momento, mas

pelo pão que lhes dei e saciou". "Não trabalheis pela comida que se perde, mas por aquela que dura eternamente, que tem o selo do Pai e que lhes serve de alimento, em caráter permanente".

3. "Não foi Moisés que lhes deu o pão do céu, mas é o meu Pai que com certeza lhes dará deste pão que é verdadeiro pão de Deus, do céu descido e que o mundo salvárd". Por várias vezes lhes disse com firmeza: "Eu sou o pão vivo que desci para salvar. É minha carne e o meu sangue, com certeza, que dará vida para quem se alimentar".

20 AÇÃO DE GRAÇAS

 S. Oremos: Ó Deus, com a luz de vossa Palavra e com a força de vosso Espírito, vós curais nossos males, sobretudo o egoísmo que produz a morte; agi em nós com a força desta Eucaristia, libertando-nos das más inclinações e orientando nossa luta na direção de vossa vida. Por nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, na unidade do Espírito Santo. P. Amém.

RITO FINAL

21 MENSAGEM PARA A VIDA

 (Após as comunicações de interesse para a comunidade):
C. As lições desta Eucaristia deixaram bem claro: estar com Cristo é combater a morte e promover a vida. Muitos dizemos estar com Cristo e aceitamos tranquilamente faturar nos sistemas de opressão e exploração. Fazemos o papel iníquo do apóstolo Paulo, antes do encontro com Cristo: alimentamos, com o nome de Deus, a presunção e perseguimos aqueles que lutam pela justiça de Deus. Combater a morte é combater a miséria, a fome e toda espécie de indignidade, em que vivem muitos de nossos irmãos. O Deus de Cristo não é o Deus da miséria, mas da igualdade de direitos de todos os seus filhos. Promover a vida é, entre outras coisas, você e eu participarmos na comunidade, cooperarmos para a comunidade adquirir a consciência solidária e fraternal e nos engajarmos no zelo ardente que não mais suporta injustiças e explorações.

22 CANTO FINAL

1. A missa já se acabou, o sol para mim brilhou, na luz que Jesus mandou, com graças que levo a ti. Para o lar levo o calor, que ganhei do meu Senhor, saindo cheio de amor, que se espalhará daqui.
2. Agradeço ao meu Jesus, que por mim morreu na cruz. Com ele me tornei luz, pois na graça eu revivi. Que o mundo não faça guerra, a paz cubra toda a terra, por vales, campos e serras, com o amor que recebi.

23 BÊNÇÃO FINAL

LEITURAS PARA A SEMANA:

Segunda-feira: 1Rs 17,1-6; Mt 5,1-12 / Terça-feira: 1Rs 17,7-16; Mt 5,13-16 / Quarta-feira: At 11,21b-26; 13,1-3; Mt 10,7-13 / Quinta-feira: 1Rs 18,41-46; Mt 5,20-26 / Sexta-feira: Ez 34,11-16; Rm 5,5-11; Lc 15,3-7 / Sábado: 1Rs 19,19-21; Mt 5,33-37 / Domingo: 2Sm 12,7-10,13; Gl 2,16-19-21; Lc 7,36c-8,3.

FEITO PRO SERTÃO, JOGADO NUM BARRACO DE NOVA IGUAÇU

A Bíblia tem uma palavrinha que é verdadeira lição de alma humana: "Ai do que está só!" De fato, o homem não nasceu para ficar só. Seu crescimento interior exige que ele conviva com outras pessoas; conviva, e não apenas passe pelos outros. Conviver é absolutamente necessário, pois é na convivência que ocorre a permuta de qualidades humanas, de virtudes e incentivos que enriquecem tanto um como o outro.

No interior, a convivência das pessoas era uma coisa natural: todo mundo está plantado em seu lugarzinho e cria-se espontaneamente a rede de relações afetivas; um é amigo do outro, este é compadre daquele, há certa solidariedade de todos para com todos, até para empregar meio quilo de açúcar e duas colheres de pó de café. Geralmente prevalece a boa vontade natural, no trato entre as pessoas.

Chegando à cidade grande, as coisas se modificam. As relações afetivas do interior são trocadas pela solidão na massa, pelo sentimento de insignificância e por um doloroso anonimato. Em vez de boa

vontade natural, o homem é quase forçado a ver, no outro, um possível inimigo. Aí, quem veio do interior fica meio perdido, na complexidade dos relacionamentos que fazem parte da vida da cidade. Eis o que dizem as *Pistas para uma Pastoral Urbana*, da CNBB:

"Estruturas tradicionais e novas estruturas"

As estruturas eclesiásticas estavam marcadas por uma realidade rural, onde a vizinhança geográfica ou territorial era quase que o único fator a determinar relacionamento entre as pessoas. Neste quadro, a divisão eclesiástica em Dioceses, Paróquias e Capelas atendia às necessidades religiosas do povo.

No atual quadro urbano, porém, há uma tal complexidade de relacionamentos funcionais, provocada pela intensa mobilidade e especialização profissional da grande cidade, que muitas vezes a proximidade local é o fator menos determinante de aproximação das pessoas e da constituição de formas estáveis de relacionamento. O contato com os outros,

no trabalho profissional, no lazer, nas atividades culturais e sociais etc., oferece maiores chances de convivência.

Em tais circunstâncias, as estruturas eclesiásticas tradicionais se mostram inadequadas como formas de comunhão eclesial, e surgem outras instituições paralelas, como tentativas de resposta às novas formas de convivência da grande cidade: movimentos, grupos, comunidades de base etc.

A pastoral urbana tem, como desafio, não só apenas conseguir a coexistência pacífica das diversas estruturas, mas levá-las a uma funcional articulação orgânica e a uma cooperação mútua e fecunda, na busca de estruturas novas.

Agora quebre sua cabeça: 1. Quais são os grupos de sua comunidade que funcionam, fazendo as pessoas se sentirem gente? 2. Como a igreja deve-se organizar, em seu bairro, para as pessoas descobrirem que não são insignificantes? 3. Por que só participar nos sacramentos ainda é muito pouco para formarmos uma verdadeira Igreja?

O DEUS DE ABRAÃO NÃO É UM DEUS QUALQUER

Você talvez diga, Genésio: "Mas ligar a vida a Deus não custa nada! Há tanta gente que, em nome de Deus, explora, tortura e mata! Vive falando em Deus, confessa e comunga, reza e faz promessas e, no entanto, é capaz de colocar em leilão o próprio irmão!"

Genésio, falar de Deus não é difícil. Difícil é escutar e viver a sua Palavra. O Deus que eles têm na boca não é o Deus vivo e verdadeiro. Não é o Deus que entrou na vida de Abraão e que quer entrar na vida de você e de seus companheiros. O deus deles é um deus feito sob encomenda e medida, igual ao deus dos que provocaram o Dilúvio e dos que construíram a Torre de Babel.

É um deus falso que não existe, a não ser no pensamento dos que o fabricam. Um deus que não muda nada, inventado pelos homens para disfarçar e até para aprovar a maldição que eles mesmos criaram! Mas o nosso Deus, o Deus de Abraão, o Deus da Bíblia, este Deus é diferente! Escute e medite só o que diz o salmo: "Nosso Deus é o Deus que faz justiça aos oprimidos, dá o pão aos famintos, abre os olhos aos cegos, ampara o órfão e a viúva, liberta os cativos, ama os justos, reabilita os humilhados, abriga os marginalizados e entrava o caminho dos maus!" (Sl 145,7-9).

Este é o nosso Deus! E este Deus existe de fato! Fora dele, não há outro! (cf. Is 44,6). Quando a Bíblia pede que a gente ligue a vida a Deus, ela pensa é neste Deus e não num deus que os homens mesmos inventaram. Se este Deus

vivo e verdadeiro pudesse entrar realmente na sua vida, Genésio, você lutaria mais ainda contra qualquer tipo de opressão e de injustiça. Garanto que você já não faria mais aquela pergunta que fez. Talvez fizesse outra pergunta

e pedisse a Deus para Ele acalmar um pouco e não exigir tanto de um pobre coitado como você!

(Fr. Carlos Mesters, *Abraão e Sara*, Ed. Vozes)

MINISTÉRIO DA PALAVRA

EUCARISTIA E VIDA

A Folha: Estamos certos de que a Eucaristia é o ponto alto, o cume da vida da Igreja. Mas na vida dos cristãos será que isto acontece?

Dom Adriano: O dualismo entre a Fé e a vida, entre a intenção de Jesus Cristo quando nos deu o seu Corpo e Sangue para "vida do mundo" e a realidade de um cristianismo anêmico, alienado, estéril será talvez o maior escândalo do Cristianismo em todos os tempos. Verificamos constantemente que para muitos católicos Fé e vida seguem caminhos paralelos, contrários. Assistem regularmente à S. Missa, comungam, rezam, julgam-se modelares de Catolicismo, são praticantes. Mas não conseguem iluminar a sua vida com a luz da Fé. Não conseguem marcar com as dimensões da Fé nem a profissão nem o trabalho nem as relações sociais nem os seus princípios pessoais. Como sanar este mal tremendo que destrói pela raiz nosso engajamento no plano de amor de Deus, que falsifica desde os fundamentos nossa decisão por Jesus Cristo?

A Folha: Esta é também a pergunta que gostaríamos de lhe fazer. Será possível integrar Fé e vida, Eucaristia e vida?

Dom Adriano: Dizer que não equivale a negar o amor de Deus, a obra libertadora de Jesus Cristo, a ação do Espí-

rito Santo e, sem dúvida nenhuma, toda a razão de ser da Igreja. A Pastoral, isto é: a ação concreta da Igreja para realizar a missão libertadora de Jesus Cristo, tem de fazer um esforço generoso, profundo, constante para eliminar ou atenuar o dualismo entre Fé e vida, entre Eucaristia e realidade. Temos de começar, por exemplo, em situar a Eucaristia no seu contexto global de Igreja. Os Atos dos Apóstolos nos propõem os aspectos fundamentais da vida cristã, como eram vividos pelos primeiros cristãos e como devem ser vividos em todas as situações: "Eram perseverantes no ensinamento dos apóstolos, na vida comum, na fraternidade do pão e na oração" (At 2,42). Aí estão os elementos básicos do Cristianismo: Fé, comunidade/comunhão, Eucaristia, oração. Todos são importantes. Todos se entrosam. Todos se condicionam e interpenetram. Por mais alto que coloquemos a Eucaristia, ela acaba por se esterilizar e se esvair, se não coexistir intensamente com o crescimento na Fé ("doutrina dos apóstolos"), com o amor fraterno ("comunhão") e com uma intensa vida interior ("oração"). Aqui está o ponto crucial e o desafio à nossa Pastoral e à educação para a Fé. O Congresso Eucarístico Nacional estou certo que vai focalizar este problema com insistência,